



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

***UMA GUERRA DOIS OLHARES: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE “O GENOCÍDIO AMERICANO” E “MALDITA GUERRA”***

VITÓRYA RITA DE JESUS

**SÃO CRISTOVÃO/SE
2026**

VITÓRYA RITA DE JESUS

***UMA GUERRA DOIS OLHARES: UMA ANÁLISE COMPARATIVA
ENTRE “O GENOCÍDIO AMERICANO” E “MALDITA GUERRA”***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título Graduada em História.

Orientador: Prof^a. Ma. Maria Izabel Ladeira Silva.

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2026**

A todos aqueles que compreenderam que as guerras não terminam quando cessam os tiros. Que perceberam que, depois das armas, erguem-se as palavras; que, depois dos corpos, disputam-se as memórias.

Este trabalho é para os que sabem que a história também é trincheira, que cada narrativa é uma posição ocupada, e que contar o passado é, muitas vezes, continuar a batalha por outros meios.

AGRADECIMENTOS

Agradecer pode parecer um gesto simples, mas traduzir em palavras a importância de cada pessoa que esteve presente nesta caminhada é uma tarefa delicada. Por isso, início agradecendo ao meu doce Jesus, que se fez presença constante ao longo dessa jornada, sustentando-me nos momentos em que, inúmeras vezes, pensei em parar. Foi n'Ele que encontrei força quando minhas próprias forças já não bastavam.

Aos meus pais, Jonas Fontes e Josefa Andrade, que enfrentaram dias difíceis para que eu pudesse sonhar dias melhores. Se hoje colho esta conquista, é porque um dia eles plantaram, com esforço, renúncia e amor, as bases que me sustentam. Embora não estejam mais aqui para testemunhar este momento, carrego comigo a certeza de que cada passo que dou traz o legado que deixaram em mim. Esta vitória também é deles.

Agradeço também as minhas irmãs: Shirleide Santos e Uindeles Santos que mesmo com a distância física não medem esforços para me ajudar nessa caminhada, e ao meu irmão Maciel Andrade que praticamente cursou essa licenciatura comigo, que me buscou todas as noites em meio ao cansaço da madrugada ou chuvas abundantes, essa conquista é nossa!

Aos meus familiares, que me ofereceram fôlego quando os compromissos pareciam me afogar, meus mais sinceros agradecimentos: Fernanda Roberto, Ingrid Silva, Felipe Tavares, Emanuel Santos, Alan Michael, Yasmin Santos, Alan, Evelly Santos, Emilly Rita, Wesley Menezes, Danielle Santos, Henrique Andrade, Samara Santos, Diana Santos, Alexandre Santos e Fernando Alencar.

Nesta caminhada que durou seis longos anos, com um trajeto diário de quatro horas de traslado, agradeço a Deus por cada amizade construída no ônibus, parceiros de conselhos, gargalhadas, problemas mecânicos, curvas perigosas e leituras. Meu muito obrigada a Beatriz, Lidian, Mariana, Mariane, Andressa, Kaylan, Kauan, Edssiane, Brenda e Catarina. E não poderia deixar de honrar aquela que caminhou ao meu lado desde o ensino fundamental, Camila Silva. Com tristeza pela distância que a vida impõe, mas honrada pela nossa história, cortamos simbolicamente nosso cordão umbilical acadêmico, mas não o da amizade. Agradeço também aos colegas e amigos que a UFS me presenteou: Antônia, Adriadja, Brenda, Gabriel, Cleverton e Jaine.

À minha companheira silenciosa das madrugadas de estudo e escrita, minha pequena Luna, que esteve ao meu lado em cada noite longa, também deixo meu carinho e gratidão.

Não poderia deixar de agradecer às pessoas que academicamente me inspiraram ao longo deste processo: ao professor Luís Eduardo Pina, Bruno Gonçalves, Jorge Zaluski, à minha madrinha da vida erudita, Maria Ivânia, que me acompanha desde o ensino médio, e à minha orientadora, Izabel Ladeira, que me guiou com generosidade e firmeza durante toda a construção deste trabalho.

Por fim, ecoo a Palavra que me sustentou: “Aqueles que semeiam com lágrimas colherão com cânticos de alegria. SL 126:5” Hoje, colho com gratidão aquilo que um dia foi semeado entre lágrimas.

SUMÁRIO

RESUMO	3
INTRODUÇÃO	4
CAPITULO 1- A HISTORIOGRAFIA E SEUS CONDICIONANTES	10
CAPITULO 2- A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI: ARGUMENTOS, FONTES.....	15
CAPITULO 3- CONTEXTO INTELECTUAL, POLITICO E A ESCRITA DOS AUTORES.	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar a Guerra do Paraguai (1864–1870) a partir de uma perspectiva historiográfica, compreendendo o conflito não apenas como um acontecimento histórico, mas como um campo de disputas interpretativas. O estudo concentra-se na análise comparativa de duas obras centrais sobre o tema: *A Guerra do Paraguai: o genocídio americano*, de Júlio José Chiavenato, e *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, de Francisco Doratioto. Partindo do pressuposto de que a escrita da história é uma construção situada, o trabalho busca compreender como diferentes contextos políticos e intelectuais influenciam as interpretações sobre o conflito. A pesquisa fundamenta-se em uma análise qualitativa, baseada na leitura integral e no fichamento crítico das obras selecionadas, articulada a um referencial teórico que problematiza a operação historiográfica, a formulação dos problemas históricos, a noção de verdade em história e as relações entre memória e identidade nacional. A comparação das narrativas evidencia contrastes significativos quanto às causas da guerra, ao papel do imperialismo e às responsabilidades atribuídas aos agentes históricos, especialmente a Solano López. Conclui-se que as divergências entre as interpretações analisadas refletem não apenas o uso de diferentes fontes, mas sobretudo as escolhas teóricas, metodológicas e ideológicas dos autores, demonstrando que a historiografia sobre a Guerra do Paraguai é marcada por disputas interpretativas e por usos políticos do passado.

Palavras-chave: PARAGUAI, Guerra América Do Sul, Brasil Segundo Reinado, Júlio José Chiavenato, Genocídio Americano, Maldita Guerra, Francisco Doratioto.

INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai (1864–1870) constitui-se no maior conflito bélico da América do Sul, envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai governado por Solano López, conflito este causado por motivos expansionistas e controle comercial do importante Rio da Prata dentre outros. Mais de um século e meio após o seu término, a guerra continua a suscitar debates intensos na historiografia, sobretudo por suas implicações políticas, sociais e econômicas na formação dos Estados nacionais do Cone Sul. Neste projeto eu proponho analisar o evento não apenas como fato histórico, mas como campo de disputas interpretativas, tomando como eixo comparativo duas obras fundamentais da historiografia sobre o tema: *A Guerra do Paraguai: o genocídio americano*, de Júlio José Chiavenato, e *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, de Francisco Doratioto.

Ambas as obras, apesar de se debruçarem sobre o mesmo conflito, apresentam leituras profundamente distintas. Chiavenato, escrevendo na década de 1970, enfatiza a guerra como um genocídio imposto ao Paraguai, resultado direto do imperialismo britânico e da submissão dos aliados latino-americanos a interesses externos. Já Doratioto, publicando no início do século XXI, revisa esta interpretação e oferece uma narrativa que procura conciliar a análise política, militar e social. O estudo comparativo dessas versões nos permite compreender como diferentes contextos históricos e intelectuais influenciam a escrita da história, revelando que o passado é sempre reinterpretado à luz das demandas do presente.

O presente trabalho não pretende abarcar toda a complexidade da Guerra do Paraguai em suas dimensões militares, políticas e sociais. O recorte que proponho concentra-se especificamente na análise historiográfica de duas interpretações: a de Chiavenato e a de Doratioto. A comparação das duas obras possibilitará observar como as escolhas teóricas, metodológicas e ideológicas moldam narrativas sobre um mesmo acontecimento. Assim, o objeto da minha pesquisa não será a guerra em si, mas a forma como ela foi narrada, interpretada e problematizada por dois autores de épocas e perspectivas diferentes. O recorte temporal abrange, portanto, o período de produção das obras (década de 1970 e início dos anos 2000), que marca os contextos de elaboração das interpretações.

Ademais a Guerra do Paraguai é um tema de relevância indiscutível para a historiografia brasileira e latino-americana, pois representa não apenas um marco na formação dos Estados nacionais da região, mas também uma memória disputada que atravessa até hoje debates acadêmicos, políticos e identitários.

A minha escolha de analisar *O Genocídio Americano e Maldita Guerra* justifica-se pelo contraste entre as duas obras. Enquanto a primeira reflete uma leitura engajada, de denúncia do imperialismo e de solidariedade ao povo paraguaio, a segunda busca construir uma narrativa que mostra a guerra como resultado das tensões regionais, da disputa pela navegação fluvial, das crises internas envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai e, principalmente, das ambições políticas e militares de Solano López, que ordenou as invasões de Mato Grosso e Corrientes, baseada em ampla documentação e revisão crítica da historiografia precedente. O confronto entre essas perspectivas permite não apenas avaliar a evolução dos estudos sobre a Guerra do Paraguai, mas também refletir sobre os usos políticos da história e sobre a pluralidade de leituras possíveis de um mesmo evento.

Além disso, ao trabalhar com duas obras de grande circulação e impacto no meio acadêmico e no senso comum, a minha pesquisa dialoga com questões de memória coletiva e identidade nacional. Ao compreender como a guerra foi narrada e disputada no campo historiográfico, torna-se possível também problematizar os reflexos dessas narrativas na formação da consciência histórica contemporânea.

O referencial teórico do trabalho parte da concepção de que a história é sempre uma construção situada, conforme indicam autores como Michel de Certeau, ao discutir a operação historiográfica em sua obra *“A Escrita da História”* publicada em 1975. Para Michel de Certeau, a escrita da história não é uma simples reprodução do passado, mas o resultado de uma *operação historiográfica*, composta por três dimensões interdependentes: o lugar social do historiador, as práticas de pesquisa e a elaboração do texto histórico. O autor destaca que o historiador produz seu objeto a partir de seleções, métodos e enquadramentos teóricos condicionados pelo contexto institucional e intelectual no qual está inserido. Assim, a história emerge como uma construção discursiva, resultado de escolhas narrativas e analíticas, e não como um reflexo neutro dos acontecimentos.

Outro conceito de extrema relevância será o do historiador Marc Bloch, ao enfatizar a importância da problematização do objeto histórico, em sua obra ``Introdução a História`` publicada em 1949. A análise comparativa das duas obras será conduzida sob a perspectiva da história-problema, que busca compreender não apenas os fatos narrados, mas as questões que orientam sua interpretação. Com base nessa necessidade de compreensão veremos o conceito de verdade criado pelo historiador britânico Keith Jenkins em seu livro ``História Repensada`` publicada em 2001. Para Keith Jenkins, a história não produz verdades absolutas sobre o passado, mas constrói interpretações situadas, dependentes do ponto de vista teórico, político e narrativo do historiador. O autor argumenta que toda narrativa histórica é uma elaboração discursiva, e não um reflexo direto dos acontecimentos passados. Assim, a noção de “verdade histórica” torna-se relativa e disputada, já que diferentes historiadores podem criar versões divergentes a partir de escolhas distintas de fontes, métodos e linguagem. Dessa forma, para Jenkins, a verdade em história é sempre produto de uma construção interpretativa.

Também será importante recorrer às discussões sobre memória e identidade nacional, especialmente nas reflexões de Benedict Anderson sobre comunidades imaginadas, publicado em 2008, para entender como narrativas historiográficas se articulam com a construção de identidades coletivas. Por fim, conceitos como imperialismo, narrativa histórica e discurso historiográfico servirão de base para examinar as diferenças entre as abordagens de Chiavenato e Doratioto.

O corpus documental do projeto será composto pelas duas obras analisadas: A Guerra do Paraguai: o genocídio americano, de Júlio José Chiavenato, e Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai, de Francisco Doratioto:

A primeira, publicada em 1979, pelo jornalista Júlio José Chiavenato nascido em 03 de janeiro de 1939 no interior de São Paulo, autodidata tornou-se referência em uma leitura crítica e engajada com a tentativa de dar voz a uma história não oficial, Chiavenato em cima de sua motocicleta viajava os países latino-americanos escrevendo notícias para os mais diversos jornais, o jornalista em questão já escreveu mais de trinta e quatro obras, dentre elas a que mais se destaca é a que iremos analisar nessa monografia: A Guerra do Paraguai: o genocídio americano que sustenta a tese de que a guerra foi um genocídio

contra o povo paraguaio, promovido em função de interesses imperialistas. Em *Genocídio Americano*, Júlio José Chiavenato interpreta a Guerra do Paraguai como um episódio de destruição planejada, um verdadeiro “genocídio” articulado pelos interesses do capitalismo internacional, especialmente o britânico, e executado pelo Brasil, Argentina e Uruguai. Para o autor, o Paraguai governado por Solano López constituía um modelo econômico singular no continente: relativamente autônomo, pouco dependente do comércio externo e com forte intervenção estatal. Isso o colocaria em choque com os interesses ingleses, que buscavam ampliar mercados consumidores e fornecedores de matérias-primas. Chiavenato argumenta que, ao perceber no Paraguai um obstáculo ao avanço do capitalismo dependente na América do Sul, a Grã-Bretanha teria incentivado e financiado a aliança entre Brasil, Argentina e o governo colorado do Uruguai, transformando o conflito num instrumento de destruição de um projeto econômico autônomo. Nessa leitura, Solano López não é apresentado como tirano agressor, mas como líder de um Estado que tentava manter sua independência econômica frente às pressões externas.

A narrativa enfatiza o caráter brutal e desproporcional da guerra, destacando a mobilização massiva de soldados paraguaio, incluindo idosos e crianças, e a devastação demográfica do país, que Chiavenato numericamente aproxima de um extermínio. A obra se propõe a denunciar os horrores cometidos pelos aliados, a destruição sistemática das estruturas produtivas, os massacres e o colapso social que se seguiu ao conflito.

Já a segunda, publicada em 2002, busca desconstruir essa interpretação, apresentando uma análise mais ampla, escrita por Francisco Fernando Monteoliva Doratioto historiador nascido em Atibaia São Paulo no dia 13 de novembro de 1956, graduou-se na Universidade Federal de São Paulo em 1979, atualmente Doratioto possui doutorado em história das relações internacionais e ocupa a cadeira de professor do departamento de história na Universidade de Brasília, o historiador Doratioto escreve sua obra *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai fundamentada em documentação variada e em diálogo com a historiografia internacional*. Em *Maldita Guerra*, o historiador propõe uma revisão crítica e documentalmente fundamentada da Guerra do Paraguai, afastando-se tanto da historiografia conservadora quanto do revisionismo anti-imperialista do século XX. Logo na introdução, o autor situa o conflito como um dos eventos mais marcantes

da história do Cone Sul, destacando sua duração incomum e o profundo impacto social e estatal nos países envolvidos.

O livro demonstra que as origens da guerra não derivam de complôs internacionais, como a tese revisionista que atribuía à Grã-Bretanha a responsabilidade pelo conflito. Essa interpretação, difundida por obras como *Genocídio Americano*, é minuciosamente refutada por Doratioto por carecer de comprovação documental e por ignorar as reais condições econômicas da época, como o mercado paraguaio limitado e a irrelevância estratégica do algodão do país para a indústria britânica. O autor mostra que essas teorias floresceram em contextos políticos marcados por ditaduras latino-americanas, que estimularam leituras ideológicas e simplificadoras da história.

Com base em extensa documentação diplomática e militar, Doratioto identifica as causas do conflito nos *desequilíbrios regionais do Prata*, nas disputas pela navegação e pela definição de fronteiras, e sobretudo na política assertiva (e por vezes temerária) de Solano López, cuja mobilização militar e intervenções no Uruguai precipitaram a ruptura com Brasil e Argentina. No desenvolvimento da guerra, o autor mostra que a estratégia paraguaia da “guerra-relâmpago” fracassou rapidamente, sobretudo após a derrota naval em Riachuelo, que inviabilizou a sustentação logística das invasões a Mato Grosso e Corrientes. A partir de 1866, a guerra converte-se num conflito de posições, marcado por impasses, divergências entre os aliados e enorme desgaste humano, especialmente do lado paraguaio.

O ponto de inflexão ocorre em 1868, com a queda de Humaitá e as vitórias da “dezembrada”, que definem a derrota paraguaia e levam à fase final de perseguição a Solano López. O desfecho revela um Paraguai devastado demográfica e economicamente, transformado em “periferia da periferia”, ao passo que, paradoxalmente, o Brasil experimenta fortalecimento militar e diplomático, mas também tensões internas que fragilizam o Império.

Por fim, Doratioto argumenta que uma análise rigorosa da guerra exige superar paixões ideológicas e reconhecer tanto o sacrifício dos envolvidos quanto as responsabilidades políticas e militares dos líderes que conduziram seus países ao conflito. A responsabilidade que, segundo o autor, recai decisivamente sobre Solano López.

Serão consideradas contribuições de diversos autores que tratam da Guerra do Paraguai, para a nossa revisão bibliográfica como Leon Pomer (*A Guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*), Ricardo Salles (*Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*), Wilma Peres Costa (*A espada de Democles: O exército e a guerra do Paraguai e a crise do Império*) e a Coletânea *Guerra do Paraguai 1030 anos depois*. Essas leituras complementares permitirão situar Chiavenato e Doratioto em um panorama mais amplo de produção historiográfica.

Parte-se da hipótese de que as interpretações de Chiavenato e Doratioto refletem, cada uma a seu modo, o contexto político e intelectual de sua época. Chiavenato, escrevendo sob a ditadura militar e em meio a debates sobre imperialismo e dependência latino-americana, elaborou uma narrativa fortemente crítica e engajada. Já Doratioto, escrevendo no início do século XXI, buscou revisitar a guerra com base em novas fontes e em uma historiografia que privilegiava a pluralidade de perspectivas e a busca por rigor acadêmico.

A hipótese central é a de que essas diferenças não são apenas resultado das fontes utilizadas, mas também das intenções, contextos e posicionamentos de cada autor. Dessa forma, a comparação permitirá demonstrar que a historiografia é sempre atravessada por escolhas políticas e intelectuais, que influenciam na maneira como o passado é interpretado e narrado.

A pesquisa será conduzida a partir de uma análise comparativa das duas obras, com foco na identificação das teses centrais, na análise das fontes utilizadas e na avaliação das categorias de interpretação mobilizadas por cada autor. Será realizada leitura integral e fichamento crítico das duas obras principais, além do levantamento de bibliografia complementar para situar cada uma no contexto historiográfico em que foi produzida.

A comparação será guiada pelos objetivos: quais os principais argumentos defendidos, de que forma cada autor constrói sua narrativa, quais as fontes privilegiadas e como são utilizadas, que contexto intelectual e político condiciona a escrita de cada obra. A análise buscará articular essas questões, compreendendo as obras não apenas como relatos sobre o passado, mas como produtos de uma prática historiográfica

situada, de modo a evidenciar as disputas interpretativas em torno da Guerra do Paraguai e espero deste modo contribuir para a reflexão crítica no campo historiográfico.

CAPITULO 1- A HISTORIOGRAFIA E SEUS CONDICIONANTES

Minha monografia parte do pressuposto de que a historiografia não se limita à descrição objetiva de acontecimentos passados, mas constitui um campo de produção de sentidos, marcado por disputas interpretativas, escolhas metodológicas e posicionamentos intelectuais e políticos. A análise comparativa das obras *A Guerra do Paraguai: o genocídio americano*, de Júlio José Chiavenato, e *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, de Francisco Doratioto, será orientada por um conjunto de conceitos que permitem compreender não apenas o conteúdo das interpretações, mas os processos de construção do conhecimento historiográfico. Esses conceitos serão mobilizados como instrumentos analíticos, capazes de revelar as condições de produção, os enquadramentos teóricos e os usos políticos da escrita da história.

O conceito de **operação historiográfica**, desenvolvido por Michel de Certeau em *A Escrita da História* (1975), ocupa lugar central neste trabalho. Para Certeau, a história não é um espelho do passado, mas o resultado de uma operação complexa que articula três dimensões fundamentais: o **lugar social do historiador**, as **práticas de pesquisa** e a **escrita do texto histórico**. Essas dimensões são indissociáveis e condicionam profundamente a forma como a história é narrada e interpretada.

O **lugar social** refere-se à posição institucional, política e intelectual do historiador no interior da sociedade. Inclui sua formação, sua inserção profissional, o contexto político em que escreve e as expectativas do público ao qual se dirige. Neste trabalho, esse aspecto será essencial para compreender as diferenças entre Chiavenato e Doratioto. Chiavenato escreve como jornalista autodidata, fora do espaço acadêmico tradicional, em um contexto marcado pela ditadura militar brasileira e por debates intensos sobre imperialismo e dependência latino-americana. Doratioto, por sua vez, escreve como

historiador profissional, vinculado à universidade, em um contexto democrático e de consolidação da historiografia acadêmica sobre a Guerra do Paraguai.

As **práticas de pesquisa** dizem respeito ao modo como o historiador seleciona, hierarquiza e interpreta as fontes. O conceito permitirá analisar criticamente o uso das fontes em cada obra, observando, por exemplo, a centralidade dos dados demográficos e da literatura revisionista em Chiavenato, em contraste com o amplo recurso a documentação diplomática, militar e administrativa em Doratioto.

Por fim, a **escrita da história** corresponde à elaboração narrativa do texto histórico. Certeau enfatiza que a escrita não é neutra: ela organiza o tempo, atribui causalidades, define protagonistas e constrói sentidos. A partir desse conceito, o trabalho examinará as estratégias narrativas empregadas por cada autor, como o tom denunciador e moralizante em Chiavenato e o tom analítico e explicativo em Doratioto, demonstrando como a forma do texto participa ativamente da produção do significado histórico.

Outro conceito fundamental é o de **história-problema**, formulado por Marc Bloch em *Introdução à História* (1949). Bloch critica a história puramente factual e cronológica, defendendo que o historiador deve partir de problemas claramente formulados, orientados por perguntas que conferem sentido à investigação.

“O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua presa.”
(BLOCH, 2001 : 54).

Para o autor, os fatos não “falam por si”; eles só adquirem significado quando interrogados a partir de questões históricas. Partindo dessa compreensão de que o trabalho do historiador não consiste na simples narração de acontecimentos, mas na formulação de questões que permitam compreender as ações humanas no tempo. Para Bloch, o historiador deve interrogar o passado a partir de problemas historicamente situados.

Nesta monografia, a noção de história-problema será utilizada para identificar quais são os **problemas centrais** que orientam as obras analisadas. Em Chiavenato, o problema fundamental é a denúncia do imperialismo e da destruição de um projeto econômico autônomo na América Latina. A guerra é interpretada como instrumento de dominação externa, e os acontecimentos são organizados para responder a essa questão central. Em

Doratioto, o problema desloca-se para a compreensão das dinâmicas regionais do Prata, das decisões políticas dos Estados nacionais e da atuação de Solano López como agente histórico.

A aplicação desse conceito permitirá demonstrar que as divergências entre as duas obras não se limitam às conclusões, mas começam nas perguntas formuladas. Assim, a análise evidenciará que cada autor constrói um objeto histórico distinto a partir dos problemas que escolhe investigar, reforçando a ideia de que a história é uma construção intelectual orientada por questões situadas no tempo.

O conceito de **verdade histórica**, conforme problematizado por Keith Jenkins em *História Repensada* (2001), será mobilizado para questionar a noção de que a historiografia pode oferecer uma representação definitiva e objetiva do passado. Jenkins argumenta que toda narrativa histórica é uma construção discursiva, produzida a partir de escolhas teóricas, políticas e narrativas. Assim, a história não revela “o que realmente aconteceu”, mas produz interpretações possíveis, sempre parciais e situadas.

“A história é sempre escrita a partir de um ponto de vista e, por isso, nunca pode ser uma representação neutra ou definitiva do passado.”

(JENKINS, 2001 : 38)

No contexto deste trabalho, esse conceito permitirá analisar o embate entre Chiavenato e Doratioto como uma disputa interpretativa, e não como uma simples oposição entre uma versão “ideológica” e outra “verdadeira”. A partir de Jenkins, será possível problematizar os critérios de legitimidade mobilizados por Doratioto ao criticar o revisionismo, bem como refletir sobre os limites e alcances da narrativa engajada de Chiavenato.

"A história é basicamente um discurso em litígio, um campo de batalha onde pessoas, classes e grupos elaboram autobiograficamente suas interpretações do passado para agradarem a si mesmos" (JENKINS, 2001 :43)

Dessa forma, a noção de verdade histórica será utilizada para demonstrar que as interpretações sobre a Guerra do Paraguai são atravessadas por disputas de poder no interior do campo historiográfico, onde diferentes versões competem por reconhecimento acadêmico e social.

As reflexões de Benedict Anderson em *Comunidades Imaginadas* (2008) serão fundamentais para compreender a relação entre historiografia, memória coletiva e identidade nacional. Para Anderson, a nação é uma construção histórica e cultural, sustentada por narrativas que produzem a sensação de pertencimento a uma comunidade política imaginada.

Esse conceito será aplicado para analisar como as interpretações da Guerra do Paraguai contribuem para a construção de memórias nacionais distintas. A leitura de Chiavenato, ao enfatizar o genocídio e a vitimização do Paraguai, dialoga com narrativas de solidariedade latino-americana e crítica ao imperialismo, influenciando tanto o senso comum quanto discursos políticos. Já a obra de Doratioto, ao atribuir maior responsabilidade a Solano López e enfatizar as tensões regionais, participa de um movimento de revisão dessas memórias, propondo uma narrativa menos maniqueísta e mais alinhada à historiografia acadêmica contemporânea.

Assim, o conceito de comunidades imaginadas permitirá examinar como a historiografia não apenas interpreta o passado, mas também participa ativamente da construção de identidades nacionais e de memórias coletivas duradouras.

O conceito de **imperialismo** será central para a análise da obra de Chiavenato e para o confronto crítico com a interpretação de Doratioto. Em *O Genocídio Americano*, o imperialismo é entendido como a expansão do capitalismo internacional, sobretudo britânico, que buscava submeter economias periféricas e destruir modelos autônomos de desenvolvimento. A guerra aparece, nessa leitura, como instrumento de dominação econômica e política.

Nesta escrita, esse conceito será analisado não apenas em seu conteúdo explicativo, mas também como categoria historiográfica historicamente situada, amplamente utilizada nas décadas de 1960 e 1970, especialmente no contexto das teorias da dependência. A crítica de Doratioto ao uso do imperialismo como chave explicativa única será examinada à luz das transformações da historiografia e do acesso a novas fontes documentais.

Por fim, os conceitos de **narrativa histórica** e **discurso historiográfico** permitirão analisar a forma como os autores organizam os acontecimentos e produzem sentidos sobre

a guerra. A narrativa histórica envolve a seleção dos fatos, a definição de causalidades, a construção de personagens históricos e a atribuição de responsabilidades. O discurso historiográfico, por sua vez, refere-se ao conjunto de estratégias linguísticas, argumentativas e retóricas utilizadas para conferir autoridade ao texto histórico.

Esses conceitos serão fundamentais para examinar as diferenças entre a escrita de Chiavenato, marcada por linguagem forte, tom acusatório e intenção de denúncia, e a de Doratioto, caracterizada por um discurso analítico, fundamentado em documentação e em diálogo com a historiografia internacional. A análise demonstrará que essas escolhas narrativas não são meramente estilísticas, mas produzem interpretações distintas sobre o mesmo acontecimento histórico.

Este capítulo apresentou os principais conceitos teóricos que orientarão a análise comparativa das obras de Júlio José Chiavenato e Francisco Doratioto. Ao articular as noções de operação historiográfica, história-problema, verdade histórica, memória, identidade nacional, imperialismo e narrativa histórica, buscou-se demonstrar que a historiografia sobre a Guerra do Paraguai constitui um campo de disputas interpretativas profundamente marcado por contextos históricos e intelectuais distintos.

Esses referenciais não serão utilizados apenas como fundamentação teórica, mas como instrumentos analíticos capazes de revelar os condicionamentos, limites e possibilidades das interpretações examinadas. Assim, esse capítulo fornece a base conceitual necessária para compreender a historiografia da Guerra do Paraguai como uma construção histórica situada, atravessada por escolhas políticas, intelectuais e narrativas.

CAPITULO 2- A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI: ARGUMENTOS, FONTES.

Este capítulo tenho como objetivo aprofundar a análise de como Júlio José Chiavenatto e Francisco Doratioto constroem suas narrativas sobre a Guerra do Paraguai, atentando-se não apenas aos argumentos centrais e às fontes mobilizadas, mas também às escolhas narrativas e às estratégias retóricas empregadas por cada autor. Buscando demonstrar que as diferenças entre as duas obras não se limitam às conclusões a que chegam, mas se manifestam desde a seleção dos episódios narrados, da forma como os personagens históricos são apresentados e da maneira como os acontecimentos são encadeados para produzir determinados sentidos históricos.

Partindo do pressuposto do conceito operação historiográfica, de Michel de Certeau de que a escrita da história é uma prática situada e intencional. Assim, as obras analisadas são compreendidas como construções historiográficas que organizam o passado a partir de problemas específicos, operam seleções documentais orientadas e utilizam a narrativa como instrumento de interpretação.

Em *A Guerra do Paraguai: o genocídio americano*, Júlio José Chiavenatto constrói uma narrativa fortemente engajada, marcada por um tom acusatório e por uma clara intenção de denúncia política. O eixo central da obra é a caracterização da Guerra do Paraguai como um genocídio deliberado, entendido como resultado direto da ação do imperialismo britânico sobre a América do Sul, que teria instrumentalizado Brasil, Argentina e Uruguai para destruir um projeto econômico paraguaio considerado incompatível com a lógica do capitalismo dependente.

A narrativa de Chiavenatto inicia-se com a descrição de um Paraguai pré-guerra apresentado como exceção no contexto latino-americano do século XIX. O autor enfatiza repetidamente que o país possuía um modelo econômico relativamente autônomo, com forte presença do Estado, controle sobre a terra e limitação da penetração do capital estrangeiro. Essa caracterização não é neutra: ela cumpre a função da narrativa histórica de estabelecer o Paraguai como vítima histórica de um sistema internacional excludente. Ao longo da obra, Chiavenatto retoma esse argumento para sustentar que a destruição do país não foi acidental, mas necessária para a manutenção da ordem econômica regional.

A construção da guerra propriamente dita privilegia cenas de violência extrema e sofrimento humano. Chiavenatto descreve de forma recorrente a mobilização total da sociedade paraguaia, destacando episódios como o recrutamento de crianças, adolescentes e idosos para o combate, a escassez de alimentos, o colapso das estruturas produtivas e a devastação das cidades e do campo. Essas cenas são organizadas narrativamente para reforçar a ideia de extermínio deliberado, produzindo forte impacto emocional no leitor.

``Assim, quando Duque de Caxias entendeu que era preciso matar paraguaios no ventre das suas mães, os paraguaios já sabiam que precisavam resistir, para salvar nacionalidade até à morte a guerra sem quartel provocou a resistências em esperança: por isso, surgiram os batalhões de crianças``. (CHIAVENATTO, 1979:155)

Assim a figura de Solano López é construída de maneira claramente distinta da historiografia tradicional. Chiavenatto evita caracterizá-lo como tirano ou agressor e o apresenta como líder de resistência, responsável por conduzir o Paraguai em uma luta desigual contra forças externas muito superiores. Suas decisões militares, mesmo quando desastrosas, são interpretadas como respostas a um cerco internacional e não como expressão de ambição pessoal, até a mídia é colocada como arma utilizada na intenção de manchar a imagem dele. Essa escolha de discurso historiográfico desloca o foco da responsabilidade histórica e reforça a leitura estrutural da guerra como genocídio.

``Ainda e sempre, Francisco Solano Lopes vai fazer a guerra sem entender a verdadeira natureza de suas origens: para ele, ela se prende a tratados não cumpridos, questões de limites e reivindicações territoriais. `` (CHIAVENATTO, 1979:110)

No que se refere às causas do conflito, Chiavenatto organiza os acontecimentos de modo teleológico. A guerra aparece como desfecho inevitável de um processo de expansão imperialista, no qual o Paraguai representaria um obstáculo a ser eliminado. O imperialismo britânico surge como agente central, ainda que indireto, responsável por financiar, estimular e orientar a Tríplice Aliança. Embora o autor reconheça que a Inglaterra não participou militarmente da guerra, ele sustenta que seus interesses econômicos explicam a convergência dos aliados contra o Paraguai.

``A resposta é simples: os interesses ingleses autorizavam e avalizava o financiamento. Como já examinamos, com essa política o imperialismo inglês não só liquida "ameaça paraguaia" como faz afundar-se mais na sua rede o império e a Argentina.... Resumindo: o império do Brasil e a Argentina não só tem na guerra uma pausa para suas imensas dificuldades econômicas, como principalmente Pedro II resolve dentro de sua ingenuidade política um problema internacional que o incomodava: o arrebatamento de relações com a Inglaterra``. (CHIAVENATTO, 1979:131)

Do ponto de vista das fontes, Chiavenatto mobiliza principalmente bibliografia secundária, dados demográficos gerais, relatos de viajantes, memórias e interpretações já consolidadas no campo revisionista. As estatísticas populacionais são utilizadas como prova do caráter genocida da guerra, frequentemente sem problematização metodológica ou discussão sobre sua confiabilidade. As fontes são selecionadas para confirmar a tese central, e raramente são confrontadas entre si. Essa opção metodológica contribui para a coerência ideológica da narrativa, mas limita sua capacidade analítica e crítica.

A escrita de Chiavenatto é marcada por forte carga retórica. O jornalista utiliza linguagem emotiva, adjetivações intensas e julgamentos morais explícitos. A narrativa constrói antagonismos claros entre vítimas e algozes, organizando os acontecimentos de forma linear e orientada para a denúncia. Dessa forma, o texto assume caráter quase militante, buscando não apenas explicar o passado, mas intervir no presente por meio da memória histórica coletiva.

Em *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, Francisco Doratioto constrói uma narrativa historiográfica que se propõe explicitamente a revisar criticamente tanto a historiografia tradicional quanto o revisionismo anti-imperialista representado por obras como a de Chiavenatto. O autor apresenta sua interpretação como resultado de extensa pesquisa documental e de diálogo sistemático com a historiografia internacional.

A narrativa de Doratioto inicia-se com a contextualização do cenário político do Prata no século XIX. O historiador descreve detalhadamente as tensões entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, destacando disputas pela navegação dos rios, conflitos de fronteira, crises políticas internas e o processo de consolidação dos Estados nacionais. Essa

contextualização cumpre papel central na narrativa, pois desloca a explicação da guerra de um complô externo para um conjunto de dinâmicas regionais concretas.

Ao tratar das origens do conflito, Doratioto dedica atenção especial às decisões políticas e militares de Solano López. O historiador descreve minuciosamente episódios como a invasão da província de Mato Grosso e da província argentina de Corrientes, interpretando-os como ações ofensivas que romperam o equilíbrio regional e precipitaram a guerra. Diferentemente de Chiavenatto, Doratioto constrói López como agente histórico central, dotado de projetos próprios e responsável por escolhas que tiveram consequências devastadoras para o Paraguai.

“Em 5 de março de 1865, congresso paraguaio reuniu-se, como sempre convocado pelo executivo para sacramentaram a decisão, nesse caso, a de fazer guerra à Argentina. Na mensagem ao congresso, Solano Lopes fez duras referências ao governo argentino e, durante os quatro dias de sessão, se expôs que a Argentina declara declarar tacitamente guerra ao Paraguai ao não autorizar a passagem de tropas guaranis por seu território, enquanto permitia que a esquadra brasileira subisse o Rio Paraná. O argumento não procedia, pois esse rio tinha um caráter internacional. Assim Solano Lopes foi autorizado a entrar com tropas em Corrientes, quando jogasse necessário.” (DORATIOTO,2002 :130).

A narrativa do desenvolvimento militar da guerra é um dos pontos mais densos da obra. Doratioto descreve detalhadamente batalhas e campanhas, como a Batalha do Riachuelo, apresentada como momento decisivo que inviabilizou a estratégia paraguaia de guerra-relâmpago. O autor reconstrói cenas de combates, deslocamentos de tropas e dificuldades logísticas, demonstrando como o fracasso inicial levou a um conflito prolongado, marcado por desgaste humano extremo. Episódios como a resistência de Humaitá e a chamada “dezembrada” são analisados como pontos de inflexão que definiram o desfecho da guerra.

“Durante quase toda a guerra, porém, os atacantes eram organizados, de ambos os lados em luta, a partir da tradição militar de grandes batalhas frontais. Os movimentos de flanco, a preocupação por vidas, era uma realidade recente.” (DORATIOTO, 2002:362)

No tratamento da fase final do conflito, Doratioto descreve a perseguição a Solano López e a devastação completa do território paraguaio. O historiador reconhece a dimensão trágica da guerra e o sofrimento imposto à população civil, mas evita enquadrar esses episódios como genocídio planejado. Em vez disso, interpreta-os como resultado de decisões políticas e militares tomadas ao longo do conflito, da recusa de López em se render e da lógica de guerra total que se impôs nos anos finais.

A crítica ao imperialismo britânico ocupa lugar central na obra. Doratioto dedica-se a desmontar a tese de que a Inglaterra teria interesse estratégico na destruição do Paraguai, argumentando, com base em dados econômicos e documentação diplomática, que o país não representava mercado relevante nem fornecedor essencial de matérias-primas para a indústria britânica. Para o autor, a projeção dessa tese sobre o século XIX reflete debates políticos do século XX e não encontra sustentação empírica apoiando-se em um discurso que debatia liberdade e opressão, ditadura e defesa do pensamento liberal.

``Daí o espírito acrítico com que o mundo acadêmico aceitou e reproduziu, naquele momento, publicações “revisionistas” sobre a Guerra do Paraguai, que mistificavam Solano López e responsabilizavam o imperialismo britânico pelo conflito. Contudo, continuar a defender, hoje, essa interpretação somente pode ser resultado da ignorância histórica ou, então, da natural dificuldade de se reconhecer errado. `` (DORATIOTO, 2002:16)

A base documental de Doratioto é ampla e diversificada. O autor mobiliza correspondência diplomática, relatórios militares, tratados internacionais, documentos administrativos e fontes provenientes de diversos arquivos nacionais e estrangeiros. Essas fontes são constantemente contextualizadas e confrontadas, permitindo uma reconstrução detalhada e crítica dos acontecimentos.

A escrita de Doratioto caracteriza-se por tom analítico e explicativo. Embora reconheça a violência extrema da guerra, o autor evita julgamentos morais explícitos e busca construir causalidades múltiplas. A narrativa fragmenta o conflito em processos e etapas, enfatizando a complexidade histórica e a multiplicidade de agentes envolvidos

A comparação entre as obras evidencia dois modelos distintos de narrativa historiográfica. Chiavenatto constrói uma interpretação orientada por uma explicação estrutural e monocausal, na qual o imperialismo é a chave explicativa central. Essa escolha determina a seleção das cenas narradas, o tratamento das fontes e a construção dos personagens históricos, resultando em uma narrativa teleológica e engajada.

Doratioto, por sua vez, constrói uma narrativa baseada na multiplicidade de fatores e na crítica documental. A guerra é apresentada como processo histórico complexo, resultado de decisões políticas, disputas regionais e conjunturas específicas. Sua abordagem privilegia o rigor metodológico e a problematização das fontes, ainda que também reflita escolhas interpretativas situadas.

Do ponto de vista crítico, a obra de Chiavenatto possui relevância por questionar narrativas oficiais e chamar atenção para a dimensão humana e trágica da guerra. No entanto, sua fragilidade metodológica, o uso pouco crítico das fontes e a adoção de uma explicação única limitam sua capacidade interpretativa. Doratioto, ao oferecer uma análise documental fundamentada, contribui para uma compreensão mais complexa do conflito, embora sua narrativa também esteja inscrita em um contexto historiográfico específico que valoriza o distanciamento crítico e o rigor acadêmico

A análise detalhada das obras de Júlio José Chiavenatto e Francisco Doratioto demonstra que a historiografia sobre a Guerra do Paraguai é profundamente marcada por disputas interpretativas. Argumentos, fontes, cenas narradas e estratégias discursivas são mobilizados de maneira orientada, produzindo leituras contrastantes de um mesmo acontecimento histórico. Assim, o estudo comparativo confirma que a escrita da história é uma prática intelectual situada, atravessada por escolhas teóricas, metodológicas e políticas. A Guerra do Paraguai permanece, desse modo, não apenas como evento central da história sul-americana, mas como campo privilegiado para refletir sobre os usos, limites e possibilidades da narrativa historiográfica.

CAPITULO 3- CONTEXTO INTELECTUAL, POLITICO E A ESCRITA DOS AUTORES.

A publicação de *A Guerra do Paraguai: genocídio americano*, de Júlio José Chiavenato, em 1979, insere-se em um momento decisivo da história política e intelectual brasileira. O final da década de 1970 foi marcado pelo processo de abertura lenta e gradual do regime militar instaurado em 1964, período em que a censura começou a ser gradativamente flexibilizada e o debate público ampliou-se, ainda que sob vigilância. A emergência de novos temas, interpretações e denúncias históricas deve ser compreendida nesse contexto de transição, no qual a reinterpretação do passado tornou-se instrumento de crítica ao autoritarismo e às estruturas de poder.

A historiografia brasileira, durante o regime militar, esteve atravessada por limites institucionais e políticos que condicionavam a produção acadêmica e editorial. A censura direta atingia publicações consideradas subversivas, enquanto a autocensura e as restrições institucionais limitavam determinadas abordagens críticas. Contudo, a partir da segunda metade da década de 1970, observa-se uma ampliação do espaço para interpretações que questionavam narrativas tradicionais da história nacional. A Guerra do Paraguai, até então majoritariamente interpretada sob uma perspectiva diplomática e militar tradicional, passou a ser objeto de releituras que a vinculavam a dinâmicas estruturais de dominação econômica e política na América Latina.

Nesse cenário, a obra de Chiavenato encontrou terreno fértil para circulação e debate. Jornalista de formação, autodidata no campo histórico, o autor não se originava da estrutura universitária tradicional. Sua trajetória intelectual foi marcada pela atuação na imprensa e pela produção de obras de divulgação histórica com forte tom interpretativo. A ausência de formação acadêmica formal em História não impediu que sua obra alcançasse ampla repercussão, especialmente porque dialogava com debates intensos sobre imperialismo, dependência econômica e soberania nacional, temas centrais no pensamento crítico latino-americano da década de 1970.

Importa ressaltar que a interpretação que atribuía à Guerra do Paraguai uma dimensão estrutural ligada ao imperialismo não surgiu com Chiavenato. Desde meados do século XX, já existiam correntes revisionistas que questionavam a narrativa oficial construída no final do século XIX e consolidada na Primeira República, como por exemplo Léon Pomer em sua obra *La Guerra Del Paraguay: Gran Negocio*, publicada em 1968 já trazia

a interpretação econômica da guerra ligada ao império britânico que Chiavenato irá popularizar no Brasil. O que ocorre com *Genocídio Americano* é a sistematização e radicalização dessa leitura em um momento político particularmente sensível. A obra insere-se em uma tradição interpretativa que via a história latino-americana como marcada por relações de dependência estrutural, perspectiva influenciada por teorias desenvolvimentistas e pela teoria da dependência, amplamente discutida nas décadas de 1960 e 1970.

Paralelamente a esse contexto político, o campo historiográfico internacional vivia transformações profundas. A chamada terceira geração da Escola dos Annales, consolidada entre as décadas de 1960 e 1970, ampliou o escopo da investigação histórica, incorporando novas problemáticas, metodologias e objetos. A história deixou de ser exclusivamente política e diplomática para incorporar estruturas sociais, mentalidades, cultura e cotidiano. A noção de história-problema e a ênfase na longa duração já estavam consolidadas, mas agora acompanhadas por maior abertura interdisciplinar. Embora Chiavenato não se filie metodologicamente aos Annales, o ambiente intelectual que permitiu a ampliação temática e a crítica às narrativas tradicionais contribuiu para a recepção de obras que questionavam consensos estabelecidos.

Se a década de 1970 foi marcada por tensionamentos e reinterpretações críticas, o início dos anos 2000 apresentou um cenário distinto. A redemocratização consolidada, a expansão dos programas de pós-graduação em História e o fortalecimento da pesquisa documental transformaram profundamente o campo historiográfico brasileiro. A chamada “nova história”, associada à ampliação temática e ao diálogo interdisciplinar, já havia sido incorporada às universidades. O ambiente acadêmico encontrava-se institucionalmente estruturado, com maior acesso a arquivos nacionais e estrangeiros, intercâmbio internacional e profissionalização do historiador.

É nesse contexto que se insere a publicação de *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, de Francisco Doratioto, em 2002. Diferentemente de Chiavenato, Doratioto construiu sua trajetória integralmente no interior da universidade. Doutor em História, diplomata e professor universitário, desenvolveu pesquisa baseada em ampla documentação primária consultada em arquivos do Brasil, Argentina, Paraguai e Europa. Sua formação acadêmica, inserção institucional e diálogo com a historiografia

internacional conferem à obra um perfil distinto daquele apresentado por *Genocídio Americano*.

A escrita de Doratioto reflete esse ambiente de consolidação metodológica, conhecida como o triunfo da nova história. A narrativa é estruturada a partir da crítica documental sistemática, do cruzamento de fontes diplomáticas, militares e administrativas e da recusa a explicações monocausais. A guerra é interpretada como resultado de uma complexa rede de disputas regionais no Prata, decisões políticas específicas e conjunturas estratégicas. Ao rejeitar a centralidade explicativa do imperialismo britânico, Doratioto não apenas contesta Chiavenato, mas posiciona-se dentro de um debate historiográfico já amadurecido no interior da academia.

A diferença entre as duas obras, portanto, não reside apenas nas conclusões, mas nas condições de produção. Enquanto Chiavenato escreve em um momento de abertura política ainda recente, com forte impulso crítico e linguagem acessível a um público amplo e voraz por debates de liberdade e repressão, Doratioto publica em um cenário de estabilidade democrática, com forte institucionalização da pesquisa histórica e consolidação do rigor metodológico. A liberdade de escrita nos anos 2000 não se manifesta apenas como ruptura contra censura imediata, mas como expansão do debate acadêmico especializado, no qual a crítica historiográfica se realiza principalmente por meio da análise documental e da argumentação técnica.

Doratioto permanece ativo no campo acadêmico brasileiro, reconhecido por sua produção sobre política externa brasileira e história das relações internacionais do Cone Sul. Sua trajetória reforça o caráter acadêmico de sua obra sobre a Guerra do Paraguai, consolidando-a como referência obrigatória nos debates contemporâneos.

A escolha comparativa entre *Genocídio Americano* e *Maldita Guerra* justifica-se precisamente por essa oposição de lugares de fala e contextos intelectuais. Trata-se de duas obras paradigmáticas de momentos distintos da historiografia brasileira: uma produzida no calor da transição política e do engajamento crítico, outra elaborada no ambiente de consolidação universitária e profissionalização historiográfica. Ambas influenciaram profundamente o debate público e acadêmico, mas por caminhos distintos.

Compará-las permite compreender não apenas divergências interpretativas sobre a Guerra do Paraguai, mas as transformações do próprio campo histórico no Brasil. Ao colocar em diálogo um autor de formação jornalística, vinculado ao debate político da abertura, e um historiador acadêmico do início do século XXI, evidencia-se que a escrita da história é inseparável das condições sociais, políticas e institucionais de sua produção.

Desse modo, o confronto entre Chiavenato e Doratioto revela menos uma disputa entre verdade e erro e mais um embate entre projetos historiográficos situados. A Guerra do Paraguai, longe de ser apenas um episódio do século XIX, torna-se espaço privilegiado para observar como o passado é continuamente reinterpretado à luz das demandas do presente e das transformações do campo intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha monografia partiu do pressuposto de que a Guerra do Paraguai não deve ser compreendida apenas como um evento histórico do século XIX, mas como um campo de disputas interpretativas que atravessa diferentes gerações de historiadores. Ao propor uma análise comparativa entre *A Guerra do Paraguai: o genocídio americano*, de Júlio José Chiavenato, e *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, de Francisco Doratioto, buscou-se demonstrar que as divergências entre essas obras não se limitam às conclusões apresentadas, mas se manifestam desde a formulação dos problemas históricos, passando pela seleção das fontes, até a construção narrativa e o posicionamento intelectual de cada autor.

A análise evidenciou que Chiavenato e Doratioto constroem objetos historiográficos distintos, ainda que partam do mesmo acontecimento. Em *Genocídio Americano*, a guerra é interpretada como expressão de uma lógica estrutural de dominação imperialista, na qual o Paraguai teria sido vítima de um projeto de destruição articulado no interior da expansão capitalista britânica. A centralidade do conceito de imperialismo organiza a narrativa de modo teleológico, conferindo coerência interna à tese do genocídio. A escrita assume caráter engajado, mobilizando imagens de devastação, sofrimento e resistência, reforçando a dimensão moral da denúncia. Nesse sentido, a obra não apenas interpreta o passado, mas intervém no presente, dialogando com debates políticos e intelectuais da década de 1970 sobre dependência, soberania e dominação externa.

Já em *Maldita Guerra*, Doratioto desloca o eixo explicativo do conflito para as dinâmicas políticas regionais do Prata, enfatizando disputas diplomáticas, rivalidades interestatais e decisões estratégicas de lideranças nacionais. O autor rejeita explicações monocausais e procura reconstruir o conflito a partir de documentação extensa e variada, privilegiando a crítica às interpretações revisionistas anteriores. Sua escrita caracteriza-se por tom analítico, preocupação com a contextualização e esforço de articulação entre múltiplas causalidades. A guerra é apresentada como processo histórico complexo, resultado de escolhas políticas e conjunturas específicas, e não como execução de um projeto imperial previamente definido.

A comparação entre as duas obras confirmou a hipótese inicial deste trabalho: as diferenças interpretativas não decorrem apenas do uso de fontes distintas, mas estão profundamente relacionadas aos contextos políticos e intelectuais de produção das obras, bem como às posições ocupadas por seus autores no campo historiográfico.

Conclui-se, assim, que a escrita da história é uma prática intelectual situada, atravessada por condicionantes políticos, institucionais e teóricos. O confronto entre *Genocídio Americano* e *Maldita Guerra* evidencia que não existe uma narrativa única e definitiva sobre a Guerra do Paraguai, mas interpretações que refletem escolhas e posicionamentos. Longe de desqualificar o conhecimento histórico, essa constatação reforça sua complexidade e sua vitalidade como campo de debate crítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVENATO, Júlio José. *A guerra do Paraguai: o genocídio americano*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

POMER, Leon. *A guerra do Paraguai: a grande tragédia rioplatense*. São Paulo: Global, 1980.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

BLOCH, Marc. *Introdução à História*. Tradução de Maria Manuel Miguel e Rui Grácio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOES, Andrew Cesar de. *Guerra do Paraguai / Guerra Guasu: narrativas em livros didáticos do Brasil e do Paraguai*. 2021. 244 f. Dissertação (Mestrado em História Social) — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

FERNANDES, Eurico da Silva. *A “invenção” do Paraguai: história, projetos e intelectuais na construção da nação paraguaia (1870-1935)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

VALENTINO, Caio Augusto Silva. *Emigração paraguaia: os efeitos de um processo estrutural*. 2018. 1 recurso online (164 p.). Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2018.

VAS, Braz Batista. *O final de uma guerra e suas questões logísticas: o conde D'Eu na Guerra do Paraguai (1869-1870)*. 2011. Tese (Doutorado em História) — Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2011

CARMO, Michel Gomes Do. *Imprensa e representações: imagens de crianças e mulheres no contexto da Guerra do Paraguai (1864-1870)* [recurso eletrônico]. 2021. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

JENKINS, Keith. *História repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmocles: o Exército, a guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

POMER, León. *La guerra del Paraguay: ¡gran negocio!*. Ediciones Caldén, 1968.

Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=JzM0AQAAIAAJ&source=gbs_navlinks_s.

Acesso em: 02 fev. 2026.

ROSSI, Reinaldo. *Biografia de Júlio José Chiavenato – trecho de dissertação*. PUC-SP.

Disponível em:

<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/22942/2/Reinaldo%20Rossi.pdf>. Acesso

em: 01 fev. 2026.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – POSHIS. *Prof. Dr. Francisco Doratioto — perfil e currículo*. Disponível em: <https://poshis.unb.br/prof-dr-francisco-doratioto/>. Acesso em: 01 fev. 2026.

YouTube. *História: As causas da guerra do Paraguai*. Programa com participação de pesquisadores sobre as causas da Guerra do Paraguai. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Q5Yxrh9MX8Q>. Acesso em: 02 fev. 2026.